

Na casa da mãe, na casa da avó: um estudo sobre a circulação de crianças.

Camila Cerqueira dos Santos SILVA (FE/UFG)

camilacerqueira@hotmail.com

Ivone Garcia BARBOSA (FE/UFG)

ivonegbarbosa@hotmail.com

Palavras chaves: infância; circulação de crianças; família

Este texto apresenta as primeiras aproximações com o objeto de investigação do projeto desenvolvido no Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação intitulado “Os Múltiplos Espaços da Família: Casa da Mãe – Casa da Avó: as implicações da circulação de crianças na constituição do indivíduo”, o qual se vincula ao Projeto “Políticas Públicas e Educação da Infância em Goiás: histórias, concepções, projetos e práticas”, assumido pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas da Infância e sua Educação em Diferentes Contextos (NEPIEC).

Em investigações anteriores (BARBOSA e SILVA, 2006), constataram a existência de um fenômeno: a *circulação de crianças* que, segundo Fonseca (2002) e Motta-Marques (2003), era uma fato comum, considerado normal por volta da década de 1960. Devido aos novos cenários sociais, esta prática voltou a compor a dinâmica familiar no século XXI (FONSECA, 2002), havendo circulação de crianças devido à profissão dos pais – ambos trabalham fora de casa –, ao divórcio, entre outras razões. As crianças circulam, também, em função da impossibilidade dos pais assegurarem sozinhos a sobrevivência delas, sendo assumidas por outras pessoas que se dispõem a cuidar e dar-lhes assistência: avós (principalmente), parentela, babás, vizinhos. Esta questão nos inquietou, emergindo, então, a necessidade de verticalizarmos nossos estudos sobre a temática: a *relação da circulação de crianças na constituição da infância*.

Considerando o contexto sócio-histórico atual, propomos resgatar os diversos elementos constitutivos das interações infantis, discutindo historicamente o lugar que a infância ocupou e ocupa na sociedade. Como mostram vários estudos no campo da educação (HEYWOOD, 2004; STEARNS, 2006; MERISSE, 1997; PRIORE

1998), a infância é um fenômeno social, cujo conceito passa por variações nos diferentes espaços e tempos.

O conceito de infância, dessa forma, deve ser considerado como potencialmente mutável e formado por múltiplos fatores. Pela dimensão cultural e a das relações sociais, abrangendo, inclusive, a interação entre criança-criança, criança-adulto e criança-natureza, o conceito pode ser razoavelmente compreendido. Isso justifica a necessidade de um aprofundamento teórico consistente sobre a infância e os processos educativos, nos quais ela se encontra envolvida.

O conceito de família é um dos eixos que possibilitam a reflexão sobre nosso objeto. Szymanski (2002) define família, como sendo uma “associação de pessoas que escolhe conviver por razões afetivas e assumem um compromisso de cuidado mútuo”. Este entendimento aproxima-se de Court (2005, p.23) que define a família com sendo “a primeira estrutura que sustenta e suporta este vínculo de solidariedade intergeracional em relação ao cuidado da vida”.

Essas definições de família superam, conforme pudemos observar, a concepção organicista, na qual os membros se associam unicamente pela sobrevivência ou perpetuação da espécie. Enfatizam a formação de vínculos e a afetividade que, reconhecidamente, tem papel fundamental no desenvolvimento humano e depende do outro e dos outros meios e grupos nos quais os indivíduos se relacionam (WALLON, 1975).

Os estudos de Ariès (1981) mostraram que o “sentimento de família” “evolui” juntamente com a sociedade, com a higiene, com as mudanças sociais acompanhando o sentimento de classe. Esse dado é ratificado nos estudos de Stearns (2006) e de Heywood (2004). A instituição familiar, concebida como algo público, passa a ser considerada com uma instituição privada, constituindo-se, assim, um senso de identidade e intimidade. Engels (1981) destaca outro fator que se soma a esta idéia, acrescentando o fato de que “a mulher tornou-se a primeira criada, excluída de qualquer participação social” (ENGELS, 1981, p.86). Barbosa *et al.* (2003) mostram que as diferentes estruturas da família e as relações de maternidade e paternidade, o papel da mulher e as relações familiares são construídas histórica e socialmente, por isso encontram-se interligadas com as concepções de *como* criar, *como* cuidar e *como* educar a criança e os espaços em que isso é realizado.

Atualmente, novas estruturas familiares colaboraram para modificações no conceito de infância; entre tais modificações podemos citar o ultrapasse das fronteiras da família (ARIÈS, 1981; BADINTER, 1985). Porém, o grupo familiar permanece como um meio essencial na constituição da identidade da criança, figurando como base do desenvolvimento de modelos sócio-afetivos e cognitivos (BARBOSA, 1997). Vários são os fatores que contribuíram para o dinamismo da família, dentre eles podemos destacar o divórcio e a inserção da mulher no mercado de trabalho, ocorrendo, daí, mudanças, nas relações e nos papéis dos agentes na família.

Nos estudos sobre a circulação, temos a necessidade de realizar uma série de procedimentos. No presente momento estamos concluindo do levantamento bibliográfico no banco de dissertações e teses de noventa e dois Programas de Mestrado e/ou Doutorado em Educação, avaliado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na última avaliação trienal (2007–2010) e em livros e periódicos de circulação nacional das áreas da educação e psicologia, áreas estas com tradição nos estudos vinculados à infância e à família. Pretende-se ampliar a análise conceitual, compreendendo os fatores e as relações que cercam, permeiam e determinam o fenômeno da circulação de crianças, sem perder de vista o caráter histórico de nosso objeto.

O projeto pretende analisar a concepção de educação e as práticas educativas das avós das crianças que circulam entre os núcleos familiares parentais, explicitando as relações entre familiares, compreendendo o papel dos pais (da mãe e do pai) e a visão da criança que vivenciou ou vivencia essa experiência, sem nos esquecermos dos múltiplos fatores que estão contidos nesse processo e envolvem os diferentes atores sociais.

Considerando essas premissas, podemos indagar sobre a forma como a família se organiza no sentido de favorecer e garantir a ação educativa das crianças na ausência física dos pais. Que medidas são tomadas pelo grupo familiar para que isso ocorra? Que influências isso tem sobre a constituição da infância dessas crianças? Nessa perspectiva, pensamos ser interessante enfatizar uma das alternativas que autores como Heywood (2004), Motta-Marques (2004) e Fonseca (2002) têm apontado: o de recorrer à avó.

As inquietações motivadas por este problema exigem um esforço de reflexão, possibilitado pela pesquisa em nível de mestrado, acerca dos diversos espaços

educativos, aqui, a casa da avó, como esses entes familiares se percebem nesse processo, e como é vista a “educação de avó” nesse novo cenário, além das influências do fenômeno circulação e suas relações com a educação na formação da criança e na concepção de infância.

No decorrer das investigações, iremos realizar a aproximação com as famílias, com as quais se pretende realizar entrevistas. Definimos por realizar nossa pesquisa com discentes do curso de pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás, entre os quais se pretende verificar se o fenômeno da circulação de crianças faz parte da vida desses estudantes. A escolha do grupo se deu por considerá-lo significativo no que diz respeito à sua presença no campo de trabalho – muitos exercem atividades profissionais em meio período ou período integral, sendo que o curso abriga pessoas de menor renda quando comparados a outros cursos da Universidade. Além disso, os discentes vêm de lugares diferentes, possuindo histórias de vida diversas, o que nos favorecerá ter uma possível amostra diversificada de participantes-colaboradores na pesquisa.

Foi proposto aos discentes de todas as turmas (dos turnos matutino e noturno) que respondessem um questionário, versando sobre temáticas como infância, família, escolarização, dados profissionais, entre outras. Neste os discentes foram indagados sobre a possível aceitação de colaborarem em outras etapas da pesquisa. Dos 353 questionários respondidos, 196 aceitaram participar. Destes, serão selecionados para entrevistas individuais e em grupos aqueles que vivenciaram a circulação durante a infância com a atuação das avós. Também serão entrevistados os pais e as avós dos discentes, que deverão assinar a carta de livre consentimento conforme o previsto pelo comitê de ética e pelo projeto do NEPIEC. A análise tanto do questionário quanto as entrevistas será realizada não apenas de forma quantitativa, mas também no âmbito qualitativo, sempre confrontando com o referencial teórico e a estrutura conceitual com os resultados da pesquisa empírica, a fim de compreender o fenômeno em todas suas peculiaridades.

Referências

- ARIÈS, Philipe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- BARBOSA, Ivone G e SILVA, C. C. S. *Representação de mães-professoras sobre o papel da família e da mãe na constituição da identidade na infância*. Goiânia: Relatório Parcial PIVIC/CNPq, 2006

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*; tradução Waltensir Dutra_ Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985, 9a ed.

BARBOSA, Ivone. Formação de conceitos na pré-escola: uma versão sócio-histórico-dialética. São Paulo: FEUSP, 1997. (tese de doutorado).

BARBOSA, Ivone G. et al. *Políticas Públicas e Educação da Infância em Goiás: história, concepções, projetos e práticas*. Goiânia: FE/UFG, 2002. (Projeto de Pesquisa).

BARBOSA, Ivone G e SILVA, C. C. S. *Representação de mães-professoras sobre o papel da família e da mãe na constituição da identidade na infância*. Goiânia: Relatório Parcial PIVIC/CNPq, 2006

COURT, Pedro Morandé. Família e sociedade contemporâneas. In: PETRINI, João Carlos, CAVALCANTI, Vanessa Ribeiro Simon (organizadores). *A família, sociedade e subjetividade: uma perspectiva multidisciplinar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005

ENGELS, A família monogâmica In: CAVACCI, Massimo (co-ator) *Dialética da família*, São Paulo: Brasiliense, 1981

FONSECA, Claudia Mãe é uma só? : *Psicologia USP* São Paulo, v. 13, n. 1, p. 1-9, 2002 disponível em: www.scielo.com.br

HEYWOOD, Colin Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

MERISSE, Antônio (org.) Lugares da infância: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato. São Paulo: Arte e Ciência: Faculdade de Ciências e Letras, UNESP (Assis), 1997.

MOTTA-MARQUES, Maria Angélica Na “casa da mãe”/na “casa do pai anotações (de uma antropóloga e avó em torno da “circulação” de crianças *Revista antropológica*, São Paulo, v. 47, n. 2, p. 427-449, dezembro 2004, disponível em : www.scielo.com.br

PRIORE, Mary Del (org.) *História da criança no Brasil*. 5. ed. São Paulo : Contexto, 1998

STEARNS, Peter N. *A Infância* São Paulo: Contexto, 2006

SZYMANSKI, H. (Org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília-DF: Plano, 2002 (Série Pesquisa em Educação).

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente*. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. *Psicologia e educação da infância*. Lisboa: Estampa, 1975